

Dois homens num balneário não tem de ser uma ficção homoerótica

Un Poyo Rojo não é o engate locker-room típico com que o porno gay construiu um género. Aqui, a paisagem é mais paródica do que homoerótica – mas algo de universal sai do armário. Por Inês Nadais, em Nápoles

Em 2008, quando Nicolás Poggi e Luciano Rosso, então “uns miúdos”, começaram a preparar um número de 15 minutos para o serão de variedades do Laboratorio – o centro cultural de Buenos Aires onde encontraram uma segunda

casa –, não lhes passava pela cabeça que 11 anos depois ainda estariam a escorrer gags, suor e testosterona no vestário de ginásio ou de clube de bairro onde a história que nessa altura ainda era a deles, a da atracção de um homem por outro homem, se fixou num mega-sucesso que pode-

riamos dizer planetário, atendendo a que em 2019 *Un Poyo Rojo* continua a subir ao palco, na Argentina e fora da Argentina, a um ritmo de 60 a 200 apresentações por ano.

A vida conjugal de Luciano e Nicolás desfez-se entretanto, mas *Un Poyo Rojo*, a peça com que o homónimo colectivo argentino se estreia no Festival de Almada, sobreviveu a esse e a outros acidentes de percurso. Por exemplo: à súbita baixa de Alfonso Barón, o intérprete que nos últimos oito anos substituiu Nicolás, e que o próprio Nicolás, num volte-face cheio de justiça poética, agora substituiu.

Quando os encontramos em Nápoles, a última data antes de Almada, são de novo os miúdos cujos apelidos, recorrentemente corrompidos, deram nome à dupla que pelo menos nos próximos seis meses voltarão a ser (Poggi transformado em “poyo”, transcrição fonética mal-amanhada da palavra castelhana para frango, “pollo”; Rosso transformado em “rojo”, vermelho). De volta ao espectáculo que deixou de fazer há oito anos, de volta (mas apenas no palco, o espaço da ficção, que no caso deles chegou a ser um desdobramento da vida real) ao casal que deixou de formar há oito anos, é como se Nicolás nunca tivesse ido viver para o México — onde, com o grupo de teatro Motos Ninja, também tem uma história que durou para sempre, *Afuera: reconstrucción de una obra*.

Por uns minutos, quando Luciano e Hermes Gaido, o encenador de *Un Poyo Rojo*, o convidaram a retomar o seu lugar, Nicolás ainda se perguntou

“Quando nos apresentámos na noite a seguir à aprovação do casamento homossexual na Argentina, foi uma emoção. Mas também já nos disseram que a peça é homofóbica”

se faria sentido voltar ao balneário que deixou em 2011. “Já não os via há muitos anos... Não sabia se podia”, conta. “Se podias fisicamente?”, quer saber Luciano. “Emocionalmente. Não sabia como me sentiria. Mas no fim do segundo dia de ensaios já me lembrava de tudo. Ainda tinha uma memória corporal do espectáculo. E sim, ainda gosto muito de o fazer.”

Em Nápoles a casa veio abaixo. E como é sempre essa a história de *Un Poyo Rojo* não tem havido espaço para muito mais experiências na vida do autor-intérprete e do encenador que mantiveram o espectáculo vivo depois de Nicolás se ir embora. Até ao final de Março, *Un Poyo Rojo* vai estar em digressão ininterrupta entre Es-

Haverá **Ésquilo** e **Shakespeare, Brecht e Strindberg**, e uma série de criações contemporâneas das mais variadas origens, divididas entre teatro e dança. Até dia 18, este 36.º Festival de Almada irremediavelmente marcado pela passagem de **Isabelle Huppert** e **Robert Wilson** revelará uma forte aposta em produções portuguesas, espanholas e latino-americanas. Por vezes, como acontece em **Pais Clandestino**, deixando escapar o embate natural entre colonizados e colonizadores, e questionando como a História está impressa em cada indivíduo: no caso, é da relação umbilical entre a América Latina a Europa que se trata, numa reflexão sobre como a política é também um lugar de intimidade. Entre esses dois lados do Atlântico tem também vivido o jogo físico puro e duro de **Un Poyo Rojo**, o pequeno número de variedades homo-erótico, crónica (quase sempre cómica) da dança de acasalamento de um casal de intérpretes gays, que se transformou num mega-sucesso internacional ainda em cena dez anos após a estreia. E é também de teatro físico que falamos quando nos acercamos de **Macbettu**, Shakespeare vertido para sardo, numa peça que reivindica a violenta peça do bardo inglês para o arraigado cenário das tradições carnavalescas da Sardenha, onde tudo adquire uma enorme dimensão grotesca — mais uma forma de testemunhar o quanto os clássicos insistem em apoderar-se de nós e contaminar, tal como a História, os dias presentes.



Macbettu

De William Shakespeare, encenação de Alessandro Serra
Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa
10 de Julho, 19h00, 11 de Julho, 21h00

panha e o México, os EUA e a Sérvia... “Temos outros projectos, mas *Un Poyo Rojo* tem sempre prioridade, é dele que vivemos”, diz Hermes.

Luciano tem uma explicação, ou várias, para a longevidade de *Un Poyo Rojo*: “Desde logo, o facto de as pessoas gostarem muito de ver a obra, e de nós gostarmos muito de a fazer. Mas também o facto de ser uma peça que muda muitíssimo. E como todas as noites sintonizamos uma rádio em directo, indo ao encontro do que passa no momento, o espectáculo é sempre diferente.”

Os muitos blocos de improvisação desta dança de acasalamento que terminava com os dois homens a entrarem no armário e que agora termina com os mesmos dois homens a saírem do armário também a tornam “um lugar de liberdade”, acrescenta Nicolás. “Se me estiver a aborrecer, posso tirar coisas, mudá-las de lugar. Não é hermética.” Nem para o encenador, intervém Hermes: “Como nos dá liberdade para continuar a explorar as possibilidades em aberto, também é preciso vigiá-la continuamente para que não se transforme noutra coisa; é suposto estar a cavalo entre várias linguagens, não posso deixar que uma delas sobreponha.”

O sonho de Hermes é continuar a fazer *Un Poyo Rojo* “para sempre”, mesmo que venham outros tomar-lhes os lugares. Há interessados em comprar os direitos, e a ideia é autorizar novas montagens quando “os originais” já não puderem fazê-la. “Para mim, que vi a versão original, depois a versão acabada, que se tornou um trabalho pessoal do Alfonso, e agora o regresso do Nico, é incrível. Eles não fazem de todo as mesmas coisas e no entanto eu seria incapaz de escolher entre uma e outra”, resume o encenador, que acredita que esta transmissão forçada pode ser a chave para que *Un Poyo Rojo* transcenda as quatro vidas que lhe deram vida e se torne o “clássico” que no fundo talvez já seja.

O “novo” final de *Un Poyo Rojo*, outro efeito forçado da vida na estrada, é um exemplo das transformações que a peça sofreu para se manter funcional – ganhando sentidos que não estariam previstos na versão original, segmento que até hoje se mantém e que parte da cumbia *En tu pello*, uma canção “muito popular, de bairro, mesmo para dançar, nada intelectual” de Lía Crucet. Os dois homens que então se escondiam, porque o que acontece no armário fica dentro do armário, agora expõem-se, e tudo por causa de uma paragem em Barcelona, onde o cacifo que a produção lhes cedeu não tinha as características necessárias para a cena final.

“A peça mudou quando decidimos que em vez de entrarem no armário os dois protagonistas dariam um beijo. Tornou-se mais claro o facto de serem duas pessoas num ritual de sedução; até aí, era uma competição”, sublinha o encenador. Os dois homens que se enfrentam, que se desafiam, que se atraem, que se recusam, são projecções dos miúdosapai-

xonados que Nicolás e Luciano eram em 2008. Hermes, que vivia com eles quando começaram a ensaiar, viu a estrutura coreográfica com a qual queriam obrigar a dança popular e a dança contemporânea a suarem juntas num balneário, e sugeriu-lhes que explorassem “o vínculo íntimo, real” que havia entre os dois, e “os jogos” que faziam parte dessa relação.

O balneário apareceu porque era preciso mudar de roupa (só mais tarde o encenador percebeu que o *locker-room* é todo um género de pornografia gay): os primeiros materiais para a pesquisa foram as imagens de lutas de galos encontradas no YouTube, das quais partiram para figurações da masculinidade vindas do desporto mas também dos sítios onde se dança (a rua, o salão de baile, a discoteca, até as escolas de ballet, onde detectaram formas agressivas de competição). “Andávamos à procura dessa coisa do macho: como ocupa o seu lugar, como cacareja, como luta pelo poleiro. Mas também da energia sensual da atracção e da repulsa, da testosterona dos ambientes desportivos, de danças populares como o merengue e a cumbia. Usámos todos esses materiais, mas deformámo-los”, explicam.

O homoerotismo, se já existia, nunca foi importante para o encenador. “Para mim, esta é a história de dois seres que se desejam: não me interessa se são homens ou mulheres. Isto não é um manifesto homossexual, mas o público pode fazer as leituras que entender. Quando apresentámos a peça em Rafaela, cidade conservadora de província, na noite a seguir à aprovação do casamento homossexual na Argentina, foi uma emoção: homens do campo vieram abraçar-nos, ‘parabéns, meninos’. Mas também já nos disseram que a peça é homofóbica: em Espanha, um grupo de gays cristãos acusou-nos de ridicularizar os homossexuais”, conta Hermes. E não é verdade que a peça trabalha em cima dos estereótipos da homossexualidade? “É mostrar o que é. Não para criticarmos, mas para nos rirmos do ridículo que todos somos às vezes: homossexuais, políticos, modelos. Mas o controlo ideológico é cada vez mais restritivo: já não se pode brincar com nada, tudo é discriminatório.”

O riso, dizem, é um dos meios à disposição para não ficarem “no lugar solene e longínquo” que teria privado *Un Poyo Rojo* da sua capacidade para falar a um público universal. “Há sempre pessoas que têm um discurso dogmático, mas a regra é uma reacção calorosa. Especialmente quando há crianças: como imediatamente se riem, os adultos relaxam e deixam de procurar agendas mal-intencionadas”, relata Hermes.

As crianças, acrescenta Luciano, “vêm caricaturas, vêm o Bugs Bunny e a Pantera Cor-de-Rosa”. Talvez seja aí, nesse universo da comédia instintiva, pura e dura, que devam procurar este dois galos vermelhos.

O Ipsilon viajou a convite do Festival de Almada